

O PROTESTANTISMO E A EDUCAÇÃO: A INFLUÊNCIA DO PROTESTANTISMO NO DESENVOLVIMENTO DA ALFABETIZAÇÃO E LEITURA NO OCIDENTE MODERNO.

Lidiane Ribeiro da Silva de Souza¹

RESUMO

A presente pesquisa buscou estabelecer uma relação direta entre o protestantismo e a história da educação ocidental moderna. Através da abordagem de historiadores, como, Delumeau, Febvre, Carvalho e Chartier, entre outros, foi possível explorar questões como: Por que a reforma protestante teria contribuído para o desenvolvimento da alfabetização e leitura? De que forma se deu esta contribuição e qual o papel das traduções bíblicas e textos religiosos neste processo? Fatores estes que ajudam a entender porque a “cultura protestante” passou a ser conhecida como uma “cultura da palavra”.

PALAVRAS – CHAVE: (Protestantismo, Educação, Alfabetização e Leitura)

ABSTRACT

The present research sought to establish a direct relationship between Protestantism and the history of modern Western education. Through the approach of historians such as Delumeau, Febvre, Carvalho and Chartier, among others, it was possible to explore questions such as: Why would the Protestant Reformation have contributed to the development of literacy and reading? In what way was this contribution made and what is the role of biblical translations and religious texts in this process? These factors help to understand why "Protestant culture" has come to be known as a "culture of the word".

KEY WORDS: (Protestantism, Education, Literacy and Reading)

¹ MESTRE em Educação e Novas Tecnologias. Pós-graduada (*lato sensu*) em Psicopedagogia clínica e institucional. Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais . UFPR - Universidade Federal do Paraná. e Bacharelado em Teologia. Seminário Teologia Betânia e Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte-RO. Diretora de ensino e professora de Faculdade Teológica Betânia- FATEBE. E-mail. lidianebetania@gmail.com

INTRODUÇÃO

Historiadores contemporâneos como Roger Chartier e Guglielmo Cavalho, (1995), assim como outros anteriores a eles, como Lucien Febvre e Henry-Jean Martin,(1992) tem se interessado em estudar a história da Leitura e do Livro no Ocidente. Dentre esta pesquisa, chama atenção especialmente, a relação estabelecida por ambos, assim como por outros historiadores, entre a história da leitura e do livro no ocidente com a reforma protestante.

Buscar-se a, portanto, concentrar e delimitar o foco de análise na relação entre o crescente índice de alfabetização e leitura no ocidente com a reforma protestante, a partir do século XVI.

Tem-se como objetivo demonstrar, que embora esta não seja a única relação possível para explicar o aumento dos índices de alfabetização e leitura após a reforma protestante, não se pode negar que o fator religioso constitui-se uma das bases de análise dentro deste tema, ao qual pretende-se dedicar nesta pesquisa.

Para isso pretende-se buscar a fundamentação desta análise bibliográfica em autores como Roger Chartier (1995) e Lucien Febvre,(1992) que dedicaram-se, em parte de suas obras: A História da Leitura no Ocidente e O Aparecimento do Livro, especialmente a esta questão, assim como outros autores, como Peter Burke (1989), Jean Delumeau (1989), entre outros, que indiretamente abordaram este tema.

Através da abordagem destes historiadores pretende-se explorar questões como: Por que a reforma protestante teria contribuído para o desenvolvimento da alfabetização e leitura? De que forma se teria dado esta contribuição? Qual o papel das traduções bíblicas para as línguas vernáculas? Entre outras. Questões estas que nos ajudaram a entender porque a “cultura protestante” passa a ser conhecida como uma “cultura da palavra”.

1. A INFLUÊNCIA DO PROTESTANTISMO NO DESENVOLVIMENTO DA ALFABETIZAÇÃO E LEITURA NO OCIDENTE MODERNO.

Muitos historiadores têm buscado explicar as divisões do mundo ocidental em relação às taxas de alfabetização e leitura com base nas confissões do século XVI, relacionam de um lado os protestantes, grandes consumidores da leitura e com os maiores índices de alfabetização, e do outro os católicos mais ligados a tradições orais.

No entanto, o pesquisador Guglielmo Cavalho (1999 p. 72) nos traz uma observação que deve ser levada em consideração, segundo ele, alguns historiadores da cultura, hoje hesitam em explicar a alfabetização das massas apenas pelo fator religioso, isto é, não basta constatar que o protestantismo promoveu a leitura, é preciso matizar os efeitos desse incentivo segundo os meios que o acolheram. O calvinismo, por exemplo, teve certamente um maior entrosamento com as camadas sociais que já tinham certa familiaridade com a escrita.

Outra dificuldade ao se analisar esta questão é estabelecer índices de alfabetização na sociedade deste período, especialmente no início do século XVI e até mesmo XVII. De acordo com Chartier, (1999. P.59) esta é uma questão quase insolúvel, pois a falta de documentos não permite medir a taxa de alfabetização da Europa antes do extremo fim do século XVI. Já outros pesquisadores são mais otimistas, como R. Engelsing, por exemplo, ao estimar que:

de 3 à 4% da população alemã sabia ler por volta de 1500; nas cidades a porcentagem subia até 10 ou mesmo 30 % para a Inglaterra ,D. Cressy situa as taxas em torno de 10% para os homens e 1% para as mulheres. Em uma cidade culta como Veneza, a frequência escolar eleva-se globalmente em 1587 a 14% dos jovens (26% dos rapazes, 1% das moças), o que dá a idéia da taxa de alfabetização dos venezianos. (Apud. CHARTIER, 1999 P.59)

Contudo, deve-se lembrar que, a prova que geralmente se dá de que alguém realmente era capaz de ler, são as assinaturas autógrafas. No entanto, como argumenta Chartier,(1999 p.59) “de um lado, o vínculo entre assinatura e destreza na escrita não é constante, e de outro, a relação entre leitura e escrita não é unívoca”.

Apesar de tamanha dificuldade, e longe da pretensão de fazer do fator religioso a única unidade explicativa para a relação entre alfabetização e leitura e a reforma protestante, não podemos negar uma estreita ligação entre estes temas. Já que de acordo com Peter Burke:

É verdade que no século XVIII, quando as estimativas começam a se tornar possíveis, a taxa de alfabetização era muito mais alta na Europa protestante do que na Europa católica ou ortodoxa. (...) os escandinavos, holandeses e britânicos _ todos protestantes da Europa Ocidental _ tinham os índices mais altos de alfabetização dos inícios da Europa moderna. Em 1850, a Rússia contava com 10% de adultos letrados, a Itália e a Espanha com 25%, em comparação com 70% na Inglaterra, 80% na Escócia e 90% na Suécia. (1989 p. 247 e 273)

É difícil dizer se essa taxa elevada entre os protestantes era causa ou consequência da Reforma, ou provavelmente, como acredita Burke, as duas coisas.

Ainda sobre os índices de alfabetização na Europa moderna, Peter Burke nos esclarece que de modo geral, os artesãos eram muito mais alfabetizados do que os camponeses, os homens mais do que as mulheres, os protestantes mais do que os católicos e os Europeus ocidentais mais do que os orientais. (1989 p.273)

Outro autor que busca estabelecer esta relação entre a história da leitura, ou melhor, do livro com a reforma protestante é Lucien Febvre e Henry-Jean Martin, em sua obra; O Aparecimento do livro(1992).

Apesar de negar com veemência a tese de que a reforma seria filha da imprensa, já que, segundo ele, o livro por si só, talvez nunca tenha convencido ninguém, não se pode negar que a leitura, neste caso representada pelo livro, desenvolveu um papel fundamental no desenvolvimento do protestantismo, e conclui:

Mas se ele não convence, o livro é em todo caso a prova tangível da convicção, que ele materializa por sua posse; ele também fornece argumentos aqueles que já estão convencidos, permite-lhes aprofundar e precisar sua fé, dá-lhes os elementos que os ajudaram a triunfar nas discussões, a reunir os hesitantes. É sem dúvida por todas essas razões que desempenha um papel essencial no século XVI, no desenvolvimento do protestantismo. (1992 p.409)

E diríamos ainda, que neste caso a recíproca é verdadeira, ou seja, também o

desenvolvimento do protestantismo contribuiu significativamente para a elevação das taxas de alfabetização e leitura.

Contudo, cabe questionar o fundamento de tal relação. Saber por que a reforma protestante desde o princípio traz consigo este apelo à alfabetização. Por que era necessário que os fiéis lessem os textos sagrados, especialmente os catecismos? E finalmente, quais os reais efeitos gerados pela reforma protestante em relação a alfabetização e leitura?

Segundo Peter Burke,(1989 p.274) os devotos tinham maior fé na alfabetização, pois a viam como um passo na via da salvação, e uma forma de orientar-se em meio a um tempo de agitações e crises. Como afirma Jean Delumeau: “mais do que nunca, nesses tempos de confusão, os fiéis tinham necessidade de se apoiarem sobre uma autoridade infalível. Mas onde achar essa infabilidade tranqüilizadora quando se duvidava do padre? (...) A bíblia se torna assim o último recurso”. (1989 p.76)

Já para Roger Chartier, esta rápida demanda por alfabetização e leitura, motivada especialmente por parte dos reformadores protestantes, tem em primeiro lugar, razões bastante pragmáticas, segundo ele: “Lutero percebe que a renovação religiosa esbarra não só na ignorância das massas como na incapacidade catequética de numerosos pastores” (1999 p.60)

As principais reivindicações de Lutero em relação a igreja estabelecida, tinha como base sua interpretação bíblica, entre elas, que a igreja se voltasse para os ensinamentos neotestamentário, dos quais, segundo ele, ela havia se afastado e corrompido.

Contudo, para que seu protesto fosse ouvido era necessário que as pessoas fossem capazes de verificar a legitimidade de seus argumentos, o que esbarrava na elevada taxa de analfabetismo da grande massa.

Para Lutero era necessário que todo ensino da igreja fosse julgado pela cristandade, que ele entendia num sentido muito mais amplo do que a idéia de clero, e a luz do texto bíblico, mas para isso era necessário que os cristãos conhecessem diretamente as Escrituras. Como fica muito claro em uma de suas prédicas:

“... Deve ser citado também o que São Paulo Diz em 1 Co. 14 : 27,29: á cristandade compete o julgamento de toda espécie de doutrina. Para isso é necessário conhecer as línguas. Pois se não houver ninguém que possa julgar se o pregador ou professor ensina corretamente, este pode, muito bem, interpretar a Escritura do começo ao fim como quiser, quer acerte quer erre o sentido” (1995 p. 343)

Daí todo empenho de Lutero e outros reformadores para traduzir a Bíblia para as línguas vernáculas, acreditando que a tradução dos textos sagrados para a linguagem popular traria grandes avanços a cristandade. Como costumava dizer:

“Não me envergonho de pregar e escrever em línguas para leigos e ignorantes (...) o uso das línguas vernáculas trará à cristandade um benefício maior que ilustres e grandes livros e questões, que nas escolas são tratadas somente entre os eruditos”. (Apud. CARVALHO.1995, p. 52.)

De acordo com Burke, para os protestante, a grande prioridade era tornar a bíblia conhecida e acessível ás pessoas simples, numa linguagem que elas pudessem entender (1989, p.246). Lutero publica a tradução de seu Novo Testamento em Alemão em 1522 e a Bíblia completa em 1534, o que Pierre Chaúnu denomina de “o acontecimento literário do século”. (1975 p.144) O sucesso de tal publicação é tamanho, que de acordo com Chartier, A Bíblia de Lutero chega a mais de 400 reedições totais ou parciais antes mesmo de sua morte em 1546. (1995,p.50)

Aliás, a repercussão da Bíblia Luterana é tamanha que chega a modificar a situação econômica de Wittenberg. Segundo relatos, em 1517, essa pequena cidade universitária dispõe apenas de uma modesta oficina tipográfica muito provinciana. Em alguns anos, a cidade aumenta o número de seus prelos para difundir a onda de textos do reformador, a ponto de figurar entre os seis ou sete primeiros centros tipográficos alemães. (CAVALHO; CHARTIER. 1995, p.50.)

Mas Lutero não é o único a enveredar por esse caminho. Antes que ele terminasse sua própria tradução em 1534, alguns pastores de Zurique já propõem uma bíblia alemã em 1530. A Bíblia italiana de Antônio Brucioli data de 1532 e uma Bíblia holandesa aparece em Antuérpia em 1526. (CAVALHO; CHARTIER. 1995, p.50.)

O mais impressionante é o sucesso editorial que se desenvolveu em torno dessas bíblias, as reedições sucedem-se em um ritmo cada vez mais acelerado, como pode precisar melhor Lucien Febvre:

No total, de 1522 a 1546, 430 edições totais ou parciais, das quais algumas parecem atingir uma tiragem excepcionalmente elevada, já que Hans Hegot não hesita, por exemplo, em tirar 3000 exemplares em 1526 de uma contrafação do Novo Testamento, sem o nome do autor. Difusão enorme, portanto, sem precedente, que pouco arrefece na segunda metade do século, já que Hans Lufft publica, entre 1546 e 1580, 37 edições do Antigo Testamento e esta indicação permite pensar que Crellius não exagera quando declara que esse único impressor vendeu, entre 1534 e 1574, 100.000 exemplares da bíblia. Em Frankfurt são publicadas na mesma época 24 edições completas da bíblia. Sem contar as edições parciais. No total, portanto, uma difusão que atingiu sem dúvida um milhão na primeira metade do século _ mais ainda na segunda metade. Um “sucesso de livraria” que seria, mesmo em nossos dias, excepcional. (1992, p.417)

Segundo Peter Burke, as publicações dessas bíblias nas várias línguas foram um grande acontecimento cultural e influenciou largamente a linguagem e a literatura dos respectivos países (1989, p.246). Mas as bíblias não são o único alvo de interesse, de acordo com Chartier, a organização da reforma por toda a Europa faz crescer, além disso, as necessidades de livros de uso corrente, Bíblias, catecismos, salmos e livros litúrgicos. Além de trabalhos mais eruditos, e de natureza didática, comentários bíblicos e obras de síntese teológica destinadas aos pastores (1995, p.50). O próprio Lutero comenta entusiasmado os benefícios desta prática:

Sobretudo em nossos dias é fácil formar pessoas para ensinar o evangelho e o catecismo, por que hoje estão fartamente à disposição não apenas as sagradas escrituras, mas também toda sorte de ciências, com tantos livros, leitura e pregação (graças a Deus!) de maneira que em três anos pode aprender mais do que anteriormente em vinte, e que graças aos livros e pregações em língua alemã, inclusive mulheres e crianças sabem mais hoje. (1995, p.343)

O catecismo tem um desenvolvimento considerável neste período, a exemplo do catecismo maior e menor de Lutero, que estimulou fortemente uma catequização que visava a um ensino cristão simples e desde a infância, o que esta de acordo com a afirmação de Pierre Chaúnu, para o qual, a primazia do ensino era uma característica da Reforma. Segundo ele, um ensino popular, completado por um

ensino superior e ligado aos princípios do humanismo, centrado na sagrada escritura e nos padres, em ruptura com a exegese escolástica. (1975, p.147)

Tal empenho de Lutero, voltado ao ensino e a alfabetização, levou-o a escrever cartas aos magistrados da época, instando-os a investirem na educação e a dedicar prédicas aos pais para que enviassem os filhos a escola.

Uma das consagradas frases de Lutero, dizia: “ Para cada comunidade uma escola” (1530), o que retrata seu entusiasmo pelo ensino.

Mas vale lembrar mais uma vez, que esta não era apenas uma prerrogativa do reformador alemão, em vários outros lugares este mesmo movimento se repetia. Segundo afirmou Laweence Stone, (Apud. BURKE, 1989, p.274) na Inglaterra houve uma “revolução educacional” entre 1560 e 1640 incentivada pela fundação de escolas por parte dos religiosos, e houve um aumento nas taxas de alfabetização no final do século XVIII, em parte devido a um crescimento das escolas dominicais.

Contudo, não se pode negar que a grande maioria da população ainda era analfabeta, como explicar então, tamanho frenesi em torno das questões religiosas, suscitadas especialmente em torno dos polêmicos escritos de Lutero, como as 95 Teses, O Manifesto Cristão, entre outros? E o próprio texto bíblico, como era compartilhado pela grande maioria ainda analfabeta?

Vários historiadores têm buscado formas de elucidação desta questão, entre eles, Jean Delumeau, (1989, p.416) afirma que as paixões levantadas pelos problemas religiosos eram tamanhas que mesmo aqueles que não sabiam ler, faziam seus amigos mais cultos explicar-lhes os textos. De acordo com Lucien Febvre (1992, p. 418), em Meaux e na região vizinha, até mesmo a população mais humilde, a dos cardadores e dos tecelões, são conquistadas pelo evangelho, e isso graças a métodos utilizados especialmente por reformadores hunguenotes, onde círculos de pessoas se reúnem para ler e comentar a Bíblia, para cantar cânticos, mais acessíveis aqueles que não sabiam ler, o que acabou dando, tanto na França como na Alemanha, origem a várias igrejas reformadas.

O próprio reformador suíço Ulrich Zwinglio chega a constatar que “no momento da guerra dos camponeses, a casa de um deles tornara-se uma escola na qual se liam o Antigo e Novo Testamento”(1989, p.416-417).

Certamente que o convite lançado aos cristãos para que lessem a bíblia por si mesmos abalou uma certa concepção sacralizada da escritura sagrada, pois segundo Roger Chartier, mesmo submetidos a um dirigismo estrito, os protestantes são convidados a ler. Os discípulos de Lutero, Zwinglio e de Calvino manuseiam alguns livros, a bíblia, mas com maior freqüência o catecismo, o livro de salmos, o manual litúrgico, entre outros, hábito este que a cristandade medieval praticamente não estimulava. Para ele, este contato cotidiano engendrou uma forma de familiarização com os livros e a prática de expor aos olhos dos fiéis textos previamente memorizados fez aumentar progressivamente o número de leitores (1995, p.71-72).

O próprio Lutero costumava recomendar que os muros dos cemitérios fossem pintados não com imagens, mas com textos, como por exemplo, sei que meu senhor vive! Tais práticas levam Peter Burke a concluir que “num grau muito maior que os católicos, a cultura protestante era uma cultura da palavra” (1989, p.249). E por esta e outras razões, tiveram uma significativa contribuição para o desenvolvimento das taxas de alfabetização e leitura, especialmente na Europa ocidental.

Nunca é demais enfatizar que esta não é a única relação possível para explicar o crescente número de leitores, especialmente no meio protestante, como bem nos alertou Jean François (1995). Também não se deve deixar de levar em consideração fatores de grande destaque que certamente fazem parte desta relação, como o surgimento da imprensa, a cultura renascentista, entre outros. Contudo estes já são temas para uma outra pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos perceber, o fator religioso, representado especialmente pela reforma protestante, desempenhou um papel preponderante na história da alfabetização e leitura no ocidente moderno. Embora o objetivo maior dos reformadores protestantes ao incentivarem a alfabetização e leitura fosse religioso, afim de que os fiéis pudessem ser ensinados e convencidos das novas doutrinas, isso trouxe reflexos diretos sobre várias outras áreas.

Além do ensino, com a criação de novas escolas e maior incentivo à educação, setores como a imprensa e o comércio de livros, foram profundamente influenciados e simultaneamente influentes neste momento histórico em especial.

Cabe destacar o importante papel desempenhado pelas traduções bíblicas para as línguas vernáculas, que além de ter influenciado significativamente a cultura, linguagem e literatura dos respectivos países, ainda contribuiu para uma certa dessacralização do texto sagrado, que até então era monopolizado apenas pelo clero.

Esta nova possibilidade de acesso ao “texto sagrado”, embora tenha acontecido de forma lenta e progressiva, certamente trouxe uma série de desdobramentos na história impossíveis de se quantificar claramente.

O surgimento de um pensamento mais crítico, em certo grau também influenciado pelo aumento dos índices de alfabetização e leitura, deram origem a uma série de novos questionamentos de ordem religiosa, mas também sócio-político, econômico, que conseqüentemente repercutiram diretamente em processos de transformação ocorridos ao longo de toda idade moderna, a exemplo do próprio iluminismo, a formação estatal, entre outros, que segundo Hegel (1999), trás consigo relações diretas com a reforma protestante.

Tais considerações nos levam a pensar nas várias possibilidades de desdobramento desta análise, deixando-nos assim o desafio.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo_SP: Cia das Letras, 1989.

CAVALHO; Guglielmo; CHARTIER Roger. **História da Leitura no Mundo Ocidental**. V.2. São Paulo-SP: Àtica,1999.

DELUMEAU; Jean. **Nascimento e Afirmação da Reforma**. São Paulo-SP: Pioneira, 1989

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry-Jean. **O aparecimento do Livro**. São Paulo-SP: Unesp; Hucitec, 1992.

HEGEL, Georg. W. F. **Filosofia da História**. 2ª. Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

LUTERO, Martinho. **Uma prédica para que se mandem os filhos à escola**. In: Obras Seleccionadas. V.5. São Leopoldo-RS.Sinodal, 1995.

CHAÚNU, Pierre. **O Tempo das Reformas 1250-1550**. V.II. Edições 70: Lisboa, 1975.